

# O amor e o abuso em “Ponciá Vicêncio” de Conceição Evaristo (2017)

*Renata Araújo Matos\**

## **Resumo:**

O amor é um tema continuamente exaltado em nossas relações sociais. Entretanto, as experiências amorosas figuram o principal espaço de ocorrência da violência contra as mulheres. Em vista disso, o presente trabalho procura compreender como a construção social do amor se conecta à manutenção do relacionamento abusivo na obra literária “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo (2017). Pudemos verificar que a atribuição de papéis sociais às mulheres e aos homens, no seio da dominação masculina operante no patriarcado, atua na continuidade de relações abusivas, em que a ideia de cuidado como campo inerente ao feminino é fortemente evocada. Desse modo, conclui-se que o amor romântico incorpora os códigos característicos do sistema de dominação patriarcal e, concomitantemente, influi na reprodução do mesmo.

**Palavras-chave:** Amor. Cuidado. Sistema patriarcal. Ponciá Vicêncio.

\* Doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rearaujomatos@gmail.com.

## Love and abuse in “Ponciá Vicêncio” by Conceição Evaristo (2017)

### **Abstract:**

Love is a continually exalted theme in our social relationships. However, love experiences are the main space where violence against women occurs. In view of this, the present work seeks to understand how the social construction of love is connected to the maintenance of the abusive relationship in the literary work “Ponciá Vicêncio”, by Conceição Evaristo (2017). We were able to verify that the attribution of social roles to women and men, within the male domination operating in the patriarchy, acts in the continuity of abusive relationships, in which the idea of care as a field inherent to the feminine is strongly evoked. Thus, it is concluded that romantic love incorporates the characteristic codes of the patriarchal domination system and, at the same time, influences its reproduction.

**Keywords:** Love. Caution. Patriarchal system. Ponciá Vicêncio.

## Amor y abuso em “Ponciá Vicencio” de Conceição Evaristo (2017)

### **Resumen:**

El amor es un tema continuamente exaltado en nuestras relaciones sociales. Sin embargo, las experiencias amorosas son el principal espacio donde se produce la violencia contra las mujeres. Frente a eso, el presente trabajo busca comprender cómo la construcción social del amor está conectada al mantenimiento de la relación abusiva en la obra literaria “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo (2017). Pudimos constatar que la atribución de roles sociales a mujeres y hombres, dentro de la dominación masculina que opera en el patriarcado, actúa en la continuidad de relaciones abusivas, en el que se evoca fuertemente la idea del cuidado como campo inherente a lo femenino. Así, se concluye que el amor romántico incorpora los códigos característicos del sistema de dominación patriarcal y, concomitantemente, influye en su reproducción.

**Palabras clave:** Amor. Cuidado. Sistema patriarcal. Ponciá Vicêncio.

## Introdução

O presente artigo analisa como a construção social do amor desenvolve práticas de amar condizentes com a manutenção de relacionamentos abusivos. As reflexões aqui apresentadas advêm da pesquisa de doutorado por mim desenvolvida e que resultou na Tese “O amor e o amar: uma análise comparada dos relacionamentos abusivos em “El albergue de las mujeres tristes”, de Marcela Serrano, e “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo”. Para os propósitos específicos deste trabalho refletiremos apenas sobre Ponciá Vicêncio (Evaristo, 2017).

O amor é um tema fortemente presente em nossas relações sociais. Túlio Cunha Rossi (2014) explica que embora saibamos que existem diferentes tipos de amor, sabemos exatamente que aquele constantemente evocado na literatura, no cinema e na música trata-se do que expressa relações afetivo-sexual. Isso porque, o amor, enquanto categoria social, é um produto da vida social, que é vivido e sentido de modo individual e subjetivo. Em outras palavras, os afetos, em que se incluem o amor, são expressões culturais e sociais, o que também não os descaracterizam como entidades psicológicas (Illouz, 2011).

O abuso é aqui entendido enquanto conjunto de violências normalizadas no interior de determinados relacionamentos amorosos, estando, assim, intrinsecamente associado às perspectivas sociais acerca do amor. Os relacionamentos amorosos são os principais espaços para concretização da violência de gênero, caracterizada pela dominação masculina (Bourdieu, 2011b) típica do patriarcado (Lerner, 2019). De acordo com Heleieth Saffioti, mesmo quando a violência de gênero é praticada em situações desenvolvidas entre dois homens ou duas mulheres, continuaremos diante da representação da coação do homem contra a mulher (Saffioti, 2004).

No Brasil, uma a cada quatro mulheres, acima de 16 anos, sofreu algum tipo de agressão em 2020, o que significa que cerca de 17 milhões de mulheres já passaram por alguma experiência de

violência física, psicológica ou sexual. Além disso, no mesmo período, cinco em cada dez brasileiros relatam ter visto uma mulher sofrer violência (DataFolha/FBSP, 2021).

O cenário pandêmico acentuou a prática de violência contra as mulheres. Isso, em consequência da maior convivência do casal no ambiente doméstico, da diminuição da renda familiar, da escolarização remota dos filhos, do aumento do estresse, entre outros fatores (DataFolha/FBSP, 2021). Sem embargo, devemos enfatizar que as circunstâncias criadas especificamente pelo cenário de "Covid-19, se suman las condiciones estructurales de la violencia contra mujeres, principalmente relativas a violencia femicida, falta de acceso a la justicia y la violencia ejercida directamente por agentes del Estado, sobre todo en contextos de movilización social" (Red Chilena contra la Violencia hacia las Mujeres, 2021, p. 5). Estima-se que 4.640 mulheres foram vítimas de feminicídio na América Latina e Caribe no ano de 2019<sup>1</sup>. Valendo lembrar que a tipificação do feminicídio, ou agravamento do homicídio por questões de gênero, não é sancionada em todos os países.

No Brasil, o reconhecimento oficial da violência contra a mulher ocorreu por meio da Lei 11.340, de 2006, que protege as mulheres contra a violência física, psicológica, patrimonial ou moral. Mais conhecida como Lei Maria da Penha, a norma faz referência à mulher que sofreu duas tentativas de feminicídio, por parte do ex-marido, e ficou paraplégica<sup>2</sup>. A admissão legal do feminicídio veio em 2015, com a Lei 13.014 e entende que:

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/cepal-preocupa-persistencia-violencia-mulheres-meninas-regiao-sua-maxima-expressao-o>. Acesso em mai. 2022.

<sup>2</sup> "A Lei Maria da Penha foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas como uma das melhores legislações do mundo no combate à violência contra as mulheres. No entanto, é preciso salientar o quão recente é essa lei, que apenas em 2006 o Estado brasileiro deixou de ser omissor quanto à violência contra a mulher, depois de ter sido condenado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos da OEA, em 2001, a criar uma legislação nesse sentido. A condenação veio em decorrência da história da Maria da Penha Maia Fernandes que, por duas vezes, quase foi assassinada e, por diversas vezes, agredida por seu marido sem uma conclusão de um processo penal de punição ao seu agressor" (Sousa, 2019, p. 10).

quando o homicídio de mulher acontece por “razões de condição de sexo feminino”, deverá ser considerado crime hediondo, por atentar contra os valores basilares da sociedade, pelo que deve merecer maior reprovação por parte do Estado. A mesma lei considera que existem razões de condição de sexo feminino quando o crime envolve: I. Violência doméstica e familiar; II. Menosprezo ou discriminação à condição de mulher (Waiselfisz, 2015, p. 67).

As ideias que temos a respeito do amor e o modo que experienciamos o amar são resultados das sociedades em que vivemos. Conforme será discutido ao longo deste trabalho, somos socializadas sob a égide de sistemas pautados pelas desigualdades de gênero, de raça, classe, orientação sexual e de vários outros marcadores sociais. Outrossim, as mulheres são incentivadas, desde muito novas, a construir expectativas de realização do amor por meio do desempenho da nossa capacidade de cuidar, seja dos filhos e/ou do companheiro/a, seja do relacionamento amoroso. A falha no desenrolar dessa função social pode gerar frustração e necessidade de autocorreção, justificando, em muitos casos, a permanência em relações abusivas.

Ponciá Vicêncio foi escrito por Conceição Evaristo e publicado pela primeira vez em 2003. A autora nasceu em Belo Horizonte, em 1946, e migrou para o Rio de Janeiro, em 1970. É filha da lavadeira Joana Josefina Evaristo, não sabe muito sobre o pai e foi criada pelo padrasto, o pedreiro Aníbal Vitorino. Evaristo se graduou em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano de 1990, obteve o título de mestra em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e concluiu o doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense em 2011. Sua estreia na literatura ocorreu, no ano de 1990, com a publicação de seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*. A vivência da autora enquanto mulher negra, que teve a infância marcada pela pobreza material, é refletida nas histórias das diversas mulheres negras que protagonizam suas narrativas.

Para a análise literária dentro do campo das ciências sociais, seguimos os postulados de Antônio Candido (2019), para quem a literatura é uma expressão da sociedade. Por mais óbvia que seja essa afirmação na atualidade, nem sempre ela teve aceitação, estando muitas vezes desequilibrada na consideração unívoca dos aspectos extrínsecos ou intrínsecos à construção do texto literário. Nesse sentido, o autor compreende que o estudo de uma obra requer o exame tanto dos fatores externos quanto dos internos, indo ao encontro de uma análise integral que não consinta em visões dissociadas. É necessário:

fundir texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteados pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno (Candido, 2019, p. 13-14).

Segundo o autor, na realização da análise literária, a sociologia é uma disciplina auxiliar, não sendo de seu alcance explicar o fenômeno literário ou artístico, mas esclarecer apenas algumas de suas particularidades. Trata-se de ponderar o entrelaçamento dos diversos fatores sociais que compõem a literatura, sem, no entanto, determinar que tais características são os elementos essenciais de dada obra (Candido, 2019).

Ao refletir como o meio social atua efetivamente sobre as obras literárias, Candido traz duas respostas tradicionais para a questão. A primeira estuda em que medida a arte é expressão da sociedade; enquanto a segunda investiga em que medida é social, ou seja, interessada nos impasses sociais. A sua posição é de que as duas correntes mostram que a arte é social, pois “depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de

sublimação e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais” (Candido, 2019, p. 30).

De acordo com Eloísa Pereira Barroso (2017), a literatura parte de uma realidade material concreta que se expressa no texto. A identificação desses elementos possibilita sistematizar os componentes sociais que organizam a experiência humana e assim “determinar” os fatores culturais presentes na obra. “A literatura ao comportar uma dimensão de verdade torna-se um registro de acontecimentos, não que isso seja tarefa sua, mas essa correlação com a realidade mantém um compromisso do texto literário com o real, dando credibilidade ao relato” (Barroso, 2017, p. 59).

Feito os devidos esclarecimentos, seguiremos para uma breve exposição da abordagem teórica sobre o amor e, na sequência, para a análise da vivência do amor em Ponciá Vicêncio (Evaristo, 2017).

## 1. Sobre o amor

Para compreendermos a constituição social dos discursos sobre o amor e os formatos imperantes da prática de amar no mundo ocidental é necessária uma breve incursão ao tratamento dado à temática no âmbito das ciências sociais.

Denis de Rougemont (1988) analisou a história do amor no Ocidente por meio da lenda de Tristão e Isolda. Além de esclarecer as influências orientais que predominam sobre o ideário de amor ocidental, ele enfaticamente destaca a representação de amor como sofrimento.

O renascimento cultural de Eros é classificado, por Rougemont, como marca do início do amor paixão no século XII. A poesia europeia advém dos versos dos trovadores naquele século. Suas líricas exaltam o amor infeliz que se encontra à margem do ca-

samento e que se realiza enquanto manifestação da união luminosa da alma e não mediante a concretização sexual. As leis do subsequente amor cortês pregam a retenção. Isso se relaciona com a origem maniqueísta e herética da condenação da carne presente no cristianismo. Igualmente expressa o lugar sagrado que a mulher ocupa nessas relações. Algumas das características da cortesia estão situadas na busca da humildade, lealdade, fidelidade e respeito à dama e se ligam diretamente com a recusa do contato físico (Rougemont, 1988).

Em síntese, para Rougemont (1988), a função social do mito sagrado do amor cortês era a de ordenar as forças das paixões. Dentro desse cenário, havia a presença oculta de uma mística transcendente, de origem oriental, como ponto de direção. Após perder o caráter esotérico e sagrado, o mito foi convertido em literatura. O Romantismo, do final do século XVIII, apega-se ao que sobrou dos ritos e promove demasiada glorificação de tudo aquilo que estava contido no mito original de Tristão e em outras histórias literárias que o sucederam. Desse modo, durante o século XIX, o instinto de morte inconscientemente reprimido ou especificamente concentrado pela arte aristocrática, como no século anterior, espalhou-se na consciência profana. E quando, sob o impacto de causas totalmente diversas, as antigas estruturas da sociedade desmoronaram, o conteúdo do mito inundou a vida cotidiana.

Josefina Pimenta Lobato (1997) esclarece que as interpretações sobre o amor romântico seguiram dois sentidos, o do particularismo e o do universalismo. O primeiro diz respeito à ideia de que o amor romântico, enquanto atração erótica, entendida como algo mais refinado e não resumido em desejo sexual, considerada por nós como amorosa, é algo próprio do mundo ocidental. Já o segundo aponta para a ideia de que o amor romântico é um fenômeno universal.

Lobato apresenta os conceitos de amor disciplinado e de amor domesticado como caminhos interpretativos para a resolução



do embate entre particularismo e universalismo (Lobato, 1997). São recorrentes nos estudos sobre o amor o uso das terminologias disciplina e domesticação para explicar os diferentes tipos de manifestação desse sentimento; e o de selvageria para tratar dos aspectos passionais que devem ser disciplinados ou domesticados. Porém, tal utilização normalmente objetiva indicar as características paradoxais do amor, em alguns momentos ligadas à natureza, em outros à cultura. Lobato (1997) esclarece que as referidas noções não abarcam suas proposições.

As sociedades holistas têm como característica a prevalência do social sobre os indivíduos. Essa colocação indica que a selvageria inerente ao amor passional é disciplinada. Já as sociedades orientadas por valores individualistas, nas quais os indivíduos constituem a realidade primeira e a sociedade é apenas um meio de satisfazer suas necessidades e demandas, a selvageria passional do amor, pensada não como descontrolada, ou seja, como passível de ser contida, mas como incontrolável, é, bem ao contrário, glorificada e tida como uma experiência emocional desejável e enobrecedora (Lobato, 1997, p. 142). Nesse sentido, seus amores são domesticados. A autora explica que domesticar nesse caso não significa amansar, mas usar o amor em sua imprevisibilidade incontrolável como meio de alcance de relações amorosas gratificantes. O amor-paixão e o amor romântico exemplificam a domesticação do amor. Em suma, a domesticação emprega a paixão à serviço da ordem social.

A lenda de Tristão e Isolda marca, na sociedade ocidental, o início da transição do amor disciplinado para o amor domesticado. Pois, na narrativa, há uma certa fuga das tradições, o que não se dá de maneira completa. Já na história de Romeu e Julieta, Lobato (1997) sublinha que podemos ver diretamente a domesticação do amor. Viveiros de Castro e Benzaquem de Araújo (1977) pontuam que os personagens principais rompem o ciclo familiar para o encontro do par amoroso. Todavia, fortalecem o poder

do príncipe, ao qual não ousam desobedecer. Desse modo, há, desde então, o indivíduo e o Estado.

Sobre o individualismo, Lobato (1997) destaca que a ideia da paixão, como requisito para o casamento, foi algo outorgado aos enamorados para que ignorassem as regras e as convenções que os impediam de ficar juntos. Tal crença é peculiar do amor domesticado que se expressa por meio do amor romântico e que só pode ter sucesso no universo individualista.

As questões tratadas por Lobato (1997) nos fazem voltar à discussão presente desde as primeiras formulações das ciências sociais, a que diz respeito à dicotomia estrutura e ação/sociedade e indivíduo. Compreender até que ponto a sociedade nos molda e em que medida agimos sobre ela são questões que até hoje intrigam nossas mentes. Segundo Nildo Viana (1999), as ciências sociais possuem dois princípios metodológicos que se opõem, o holismo metodológico corrente de Durkheim, Mauss, Malinowski, Radcliffe-Brown e Lévi-Strauss, postulando a predominância da sociedade sobre o sujeito. E o individualismo metodológico representado por Smith, Simmel, Weber, Maffesoli, Pareto, entre outros, que segue o caminho da primazia das ações do indivíduo sobre as estruturas sociais.

Pierre Bourdieu busca resolver o problema da dicotomia indivíduo e sociedade. Nesse sentido, ele desenvolve o conceito de *habitus* que representa a interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade (Bourdieu, 2011). Isso significa que interiorizamos o mundo social ao qual nos encontramos e exteriorizamos a partir de nossas disposições subjetivas, por meio de gostos, valores, sensibilidade, entre outros. O desenvolvimento da socialização é iniciado desde o nosso nascimento, quando temos contato com os primeiros ensinamentos e passamos pelo processo de primeira educação ou de ação pedagógica primária nos termos de Bourdieu e Passeron. É nesse decurso que formamos parte substancial de nosso *habitus*, que fortemente conduzirá nossas futuras ações (Bourdieu; Passeron, 1975).

De acordo com Maria Chaves Jardim (2020), o conceito de *habitus* envolve os fundamentos de sociação e de individuação. Assim, “O *habitus* funcionaria como uma espécie de gramática cultural para a ação, profundamente estruturada” (Jardim, 2020, p. 10). O que indica que o agente traz em seu corpo a memória social que reflete seu lugar no mundo. Nesses termos, a autora destaca que “É exatamente por isso que Bourdieu afirma que o *habitus* é INcorporado (colocado no corpo) e também na mente, a partir da experiência do agente social; por isso, para Bourdieu, o corpo carrega uma história, uma biografia, ao mesmo tempo individual e coletiva” (Jardim, 2020, p. 11). O amor passaria por essa INcorporação via *habitus*.

Jurandir Freire Costa (1988) defende que o amor é uma crença emocional e assim como qualquer outra pode ser mantida, alterada ou extinguida. Sendo o romantismo amoroso uma das marcas culturais do Ocidente. De acordo com o autor, existem três afirmações básicas que atuam na manutenção da crença amorosa, a primeira indica o amor como sentimento universal e natural, vivido em todas as culturas e em todos os momentos históricos; a segunda mostra o amor como surdo à voz da razão e irrefreado pela nossa vontade; por fim, a terceira afirmação apresenta o amor enquanto condição para a máxima felicidade que podemos alcançar. O amor é considerado o atributo essencial da felicidade. Dessa forma, o fracasso no amor produz a culpabilização dos indivíduos.

Dentro dos estudos sobre o amor romântico, existem, segundo Costa (1998), duas correntes principais, sendo elas a dos idealistas e a dos realistas. Na primeira, como o próprio nome indica, há a idealização do amor e a crítica ao esvaziamento que ele vem sofrendo na atualidade. Enquanto para os realistas, em linhas gerais, a passionalidade característica do amor romântico é o seu grande ponto fraco. Costa (1998) entende que as verdades sobre o amor são múltiplas. Nós escolhemos aquelas que representam os valores que desejamos para as nossas vidas. Os

idealistas subestimam as razões do amor e recaem na crença, enquanto os realistas subestimam as paixões do amor e recaem nos julgamentos (Costa, 1998).

Zygmunt Bauman, um dos idealistas, entende que no mundo contemporâneo, altamente individualizado, os relacionamentos amorosos vacilam entre o sonho e o pesadelo. O padrão do amor é cada vez mais rebaixado (Bauman, 2004). Para ele, o amor, assim como a morte, não pode ser aprendido, por isso ele dirige dura crítica aos "manuais" que propõe de um jeito rápido e sem esforços ensinar como se amar. Ele se refere ao Eros da modernidade líquida como aquele que podemos ver por todos os lugares, mas que não reside em local algum. Em sua concepção, o amor é vivenciado como o uso de qualquer outra mercadoria. Ao encontro de qualquer dificuldade, é descartado e o preparo para o consumo de um novo relacionamento é iniciado. Guiado pela lógica do consumo, os investimentos nas relações são equiparados àqueles realizados no mercado financeiro (Bauman, 2004).

Rossi (2014) destaca, com base no seu referencial teórico, que a idealização romântica tem como fundamento a visão degradante do presente a partir da ideia de enaltecimento do passado. Essa colocação nos permite inferir que é visto no passado um tipo de vivência amorosa não condizente com a realidade concreta. Afinal, esses supostos amores felizes parecem ser muito mais exceções do que uma realidade generalizada, pois, conforme defendemos, a construção social do amor abarca os elementos dominantes da sociedade. Em vista disso, aspectos centrais do sistema patriarcal e, conseqüentemente, da dominação masculina moldam os modelos sociais em que o amar é praticado. E isso não é uma novidade da nossa época.

Giddens destaca que o amor romântico influenciou de maneira distinta homens e mulheres. Para aqueles houve conflitos de identidades pautadas no jogo de sedução. Os homens dominavam as habilidades do amor apenas em termos técnicos, porque

na prática o acesso à virtuosa mulher amada era quase inviável. No século XIX, por meio dos discursos que buscavam conhecer as mulheres, elas se tornaram ainda mais “misteriosas”. Os homens não souberam conduzir a reflexão acerca das transformações emocionais ocorridas na sociedade e, conseqüentemente, na intimidade das relações amorosas. De modo inconsciente, buscaram respostas nas próprias mulheres, e, assim, não perceberam que sua identidade disfarçadamente foi tecida pela dependência. Conforme Giddens (1993), o amor romântico é dependente da identificação projetiva presente no amor paixão, sendo essa a maneira pela qual os prováveis parceiros se sintam atraídos e posteriormente completem a união.

No entanto, o autor argumenta que a relação construída por tal processo produz inicialmente a sensação de totalidade gerada pela projeção, mas que em seu seguimento não se sustentará, pois o ato de projetar vai contra a intimidade necessária para a continuidade do relacionamento. O contrário da identificação projetiva é a abertura íntima de um enamorado para o outro, sendo aquela uma condição para o que o autor chama de amor confluyente: “o amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias “para sempre” e “único” da ideia do amor romântico” (Giddens, 1993, p. 73).

Diversamente a outros autores discutidos neste trabalho, Giddens (1993) não vê as separações e os divórcios como algo completamente negativo, mas como a emersão do amor confluyente. As mudanças ocorridas nas chamadas sociedades da separação e do divórcio expressam, ao contrário de destruição e isolamento da família nuclear, como muitos dizem, novos laços de parentesco que conduzem à formação de famílias recombinaadas. Concordo com Giddens quanto às mudanças observadas nos relacionamentos amorosos na atualidade. Porém, dirijo quanto à perspectiva que sinaliza que o amor romântico, enquanto sistema norteador das formas de amar, tenha chegado ao fim.

A invenção do ideal do amor romântico coincide com o surgimento da experiência subjetiva interiorizada (Iannini; Tavares apud Freud, 2019). Relembremos, agora, que o século XIX foi palco da produção de uma série de discursos sobre as mulheres e é exatamente nesse cenário que a obra de Freud começa a ser desenvolvida. Buscando compreender o amor, o fundador da psicanálise elenca algumas condições que acredita estarem presentes na escolha amorosa dos homens. A primeira diz respeito à condição do terceiro prejudicado e aponta que, no lugar de uma mulher sozinha e livre, o homem escolherá aquela sob a qual outro homem reivindica direito de propriedade, seja como marido ou prometido, seja como amigo. Tal imperativo aparece como motivação para a rivalidade e a hostilidade em relação a outro homem. A libertinagem da mulher representa a segunda condição e se liga com a construção do ciúme, provocando sensações intensas em quem o experimenta. A terceira, por sua vez, trata do desejo de salvamento da mulher e se desenrola em decorrência das duas precedentes, gerando no homem a expectativa de orientar a mulher para o caminho da virtude (Freud, 2019).

Freud trata do processo de castração que, segundo ele, é iniciado na visão do sexo oposto. No entanto, no menino isso produzirá o sentimento de que seu órgão não é apenas um complemento do corpo. Enquanto na menina, a visão irá introduzir a sensação de incompletude que levará à inveja do pênis que será vencida "sem um extremo dispêndio psíquico" (Freud, 2019, p. 329). De modo sintético, pode-se dizer que a menina só resolve a questão quando o desejo do pênis é substituído pelo desejo do filho do pai, que marca sua entrada real no complexo de Édipo, sendo aqui também que a mãe se torna sua rival por ter do pai aquilo que deseja. No menino, esse processo se desenvolve de maneira simples, pois ele não precisa modificar seu objeto de desejo que é, desde o início, a mãe. Assim, o autor conclui que a descoberta pela menina de sua própria castração é o marco em seu desenvolvimento e conduz a três processos distintos, sendo eles a inibição sexual ou a neurose, o desenvolvimento do complexo de masculinidade e a feminilidade normal.

Sem negar as ambiguidades do discurso de Freud sobre a feminilidade, Joel Birman (2016) busca aprofundar sua obra. Para o autor, uma contradição evidente sobre a construção da ideia de feminilidade se encontra na atribuição do papel da mulher na obra civilizatória que muda de acordo com a qualificação enunciada. Quando a maternidade é evocada, as mulheres representam o desempenho do trabalho árduo para a concretização do projeto civilizatório. Porém, à medida que são percebidas pela ótica do desejo e do erotismo são subjugadas como obstáculos insuperáveis para a constituição da civilização. E é exatamente na consideração dessa suposta oposição no ser da mulher, entre maternidade e erotismo, que a interpretação de Freud se centra (Birman, 2016). Além do mais, a já tratada inveja do pênis caracterizaria o motor principal no funcionamento psíquico das mulheres (Birman, 2016).

Indagando sobre os postulados psicanalíticos acerca da constituição da sexualidade, Giddens (1993) analisa que, ao contrário do que é colocado por Freud, sobre a inveja da menina em relação ao pênis, o que é visto na prática, tanto por ela quanto pelo menino, é o encontro de uma mãe que nada tem a ver com o indivíduo castrado e impotente. Nos primeiros anos de vida, sobretudo no nível inconsciente, tem-se uma imagem de uma mãe todo-poderosa: “Então, um sentido inicial de autoidentidade, juntamente com o potencial para a intimidade, é antes de tudo desenvolvido pela identificação com uma figura feminina universalmente importante” (Giddens, 1993, p. 129). Em dado momento, todas as crianças devem se afastar da influência da mãe. O autor defende que a possibilidade de desvio se encontra muito mais no percurso para a masculinidade, do que para a feminilidade. Assim sendo, a origem da autoidentidade masculina está associada às profundas sensações de vulnerabilidade e perda que permeiam as lembranças inconscientes dos homens. Enquanto as meninas têm mais acesso à comunicação como meio para a autonomia emocional. Seguindo a linha analítica de Giddens, é possível dizer que a velada carência emocional dos

homens pode se ligar a comportamentos de raiva e violência (Giddens, 1993). De um lado, temos o ocultamento da sexualidade das mulheres, do outro temos a dissimulação dos traumas dos homens.

Segundo Bourdieu (2011b), os sistemas de dominação fazem parecer que as diferenças biológicas fundamentam as distinções sociais. Defendemos que a socialização das mulheres para o cuidado, que claramente perpassa o ideário da maternidade, é um dos fatores principais, se não o mais importante, na construção e na manutenção dos relacionamentos abusivos. Jardim (2020) destaca a aproximação de Bourdieu à psicanálise por meio do conceito de *illusio*, noção que permite captar a ação do agente nos jogos sociais estabelecidos. Não obstante, esses jogos não são necessariamente percebidos de modo consciente por aqueles que deles participam. Trazemos em nós o passado incorporado que não somente se apresenta obscuramente à consciência, como permite entendermos as práticas sociais. Diante dessa afirmação, ela esclarece que o citado autor possibilita enxergarmos o caráter histórico e social do inconsciente e, portanto, mutável. Diz Jardim (2020, p. 18): “é a conformação da história subjetiva (individual) e história coletiva (estrutura), passível de transformação, via *habitus* e via revoluções simbólicas”.

Bourdieu (2011b) nos fala que o poder simbólico age diretamente sobre os corpos, sem necessariamente apresentar violência física, mas como algo que se instala nas zonas mais profundas do nosso ser (Bourdieu, 2011b). Lembrando que para esse pensador, o corpo, mesmo sendo único e subjetivo, também é um produto coletivo que reflete o espaço do agente na sociedade (Jardim, 2020).

As propostas de práticas modeladoras dos corpos e, consequentemente, das vidas estão destinadas a todos os indivíduos, mas em nossa sociedade recaem com maior peso sobre as mulheres. Conforme Novaes, desde muito tempo o corpo feminino é pen-



sado sob uma ótica falocêntrica que o percebia como incompleto em relação ao corpo do homem. Tal insuficiência poderia ser suprimida pelo poder da maternidade que deve distanciá-la do erotismo, pecado originário da mulher (Novaes, 2011). Assim, o amor, para a mulher, é posto não como um sentimento, mas como um anseio de vida (Jung, 2005).

Compreendemos o abuso como a violência normalizada dentro dos relacionamentos afetivo-sexuais, sendo, ao mesmo tempo, constituinte e constituído pelo ideário amoroso. Assim, a prática abusiva, embora não seja necessariamente captada, é um dos elementos centrais da união.

Heleieth Saffioti (2004) esclarece que a violência é popularmente definida como aquilo que rompe a integridade de um indivíduo, independentemente de ser sentida de maneira física, psíquica, sexual ou moral, não estando exatamente localizada na esfera do palpável. No entanto, a autora considera essa acepção falha no sentido de que:

cada mulher colocará o limite em um ponto distinto do **continuum** entre agressão e direito dos homens sobre as mulheres. Mais do que isto, a mera existência desta tenuidade representa violência. Embora se trate de mecanismo de ordem social, cada mulher o interpretará o que é violência singularmente. Desse modo, a ruptura de integridades como critério de avaliação de um ato como violento situa-se no terreno da individualidade (Saffioti, 2004, p. 75).

A noção de integridade física é insuficiente porque os limites da ruptura são individuais. Sendo assim, Saffioti (2004) entende a violência como qualquer agenciamento capaz de violar os direitos humanos. Essa definição é de suma importância, pois fornece significação totalmente pautada no social, permitindo que a agressão seja identificada não apenas por aqueles que se encontram envolvidos no jogo do abuso.

Ainda em consonância com o pensamento de Saffioti, afirmamos que os efeitos das agressões psíquicas e morais são intangíveis, o que leva a maior dificuldade de reconhecimento. Nada obstante, "Feridas do corpo podem ser tratadas com êxito num grande número de casos. Feridas da alma podem, igualmente, ser tratadas. Todavia, as probabilidades de sucesso, em termos de cura, são muito reduzidas e, em grande parte dos casos, não se obtém nenhum êxito" (Saffioti, 2004, p. 19). Em todos os formatos possíveis em que a agressão ocorra, a violência emocional está presente (Saffioti, 2004).

A violência de gênero é o grande recurso que garante a existência do patriarcado. Parto da ideia de que o abuso é mantido em detrimento do dever de cuidar incumbido às mulheres. A referida atribuição foi sofisticada com os códigos da modernidade, porém é atuante em todo o sistema patriarcal. Segundo Gerda Lerner (2019, p. 29), "o patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2.500 anos até ser concluído". Nesses termos, a subordinação das mulheres é mais antiga do que a chamada civilização. É imprescindível considerarmos que:

Embora as mulheres venham sendo vitimadas por isso, e também por muitos outros aspectos de sua longa subordinação aos homens, é um erro básico tentar conceituar as mulheres essencialmente como vítimas. Fazê-lo de maneira instantânea esconde o que deve ser admitido como fato da situação histórica feminina: as mulheres são essenciais e peças centrais para criar a sociedade (Lerner, 2019, p. 29).

Esse destaque chama atenção para os papéis sociais, consciente e/ou inconscientemente, desempenhados por homens e mulheres na manutenção do sistema. Nesse sentido, Maria Filomena Gregori (1992) argumenta que a condição de opressão das mulheres não será modificada se continuarmos atuando apenas no campo da consciência. Ela acrescenta que a identidade das

mulheres é construída por inesgotáveis processos de espelhamentos e contrastes. Nesse sentido, “a identidade se perfaz na trajetória, nas relações” (Gregori, 1992, p. 200) e por isso não há uma categoria total que trace um perfil identitário. Sendo, por isso, um equívoco essencializar e generalizar as experiências a partir da opressão das mulheres (Gregori, 1992). A autora ainda aponta que as análises devem considerar o ângulo dos homens, compreendendo que o masculino não é algo dado, mas uma identidade (identidades também) produzida nas vivências sociais (Gregori, 1992).

A discussão de Bourdieu mais uma vez contribui para o debate. Segundo Jardim, para o autor, “a dominação masculina incrustada nas práticas, nas estruturas e nos discursos sociais, legitima a existência de um amor desequilibrado entre homens e mulheres” (Jardim, 2019, p. 57). Isso nos leva à reflexão de que apesar da atuação de homens e mulheres, seria errôneo dizer que ambos participam de maneira igual.

Do exposto decorre que se considera errôneo não enxergar no patriarcado uma relação, na qual, obviamente, atuam as duas partes. Tampouco se considera correta a interpretação de que sob a ordem patriarcal de gênero as mulheres não detêm nenhum poder. Com efeito, a cumplicidade exige consentimento e este só pode ocorrer numa relação par, nunca díspar, como é o caso da relação de gênero sob o regime patriarcal (Saffioti, 2004, p. 118).

A sexualidade das mulheres foi a instância inicial de controle do patriarcado. Nesse cenário, o primeiro papel de gênero desempenhado pelas mulheres foi o de instrumento de troca nas transações de casamento, já o dos homens foi o de executor da troca e/ou definidor das regras do câmbio. Lerner (2019) salienta que a família patriarcal se destaca pela resiliência que a torna presente, de maneira variada, em épocas e locais distintos. No entendimento da autora, é em seu seio que se reproduz e se

constitui o Estado. "A família não apenas espelha a ordem do Estado e educa os filhos para que o sigam, mas também cria e sempre reforça essa ordem" (Lerner, 2019, p. 266). Assim, quando refletimos melhorias atinentes às mulheres, estamos, no mais das vezes, observando vantagens relativas e não alteração definitiva do *modus operandi* da ordem patriarcal (Lerner, 2019). Compreendo que a noção de cuidado aperfeiçoada ao longo da história constitui a base da dominação masculina. Assim, vemos, mesmo com o reconhecimento profissional, desenvolvimento de contraceptivos, participação política, entre outras coisas, a contínua subjugação das mulheres no âmbito das relações amorosas e familiares.

Lerner (2019) vê no conceito de paternalismo uma das vias para o entendimento da subordinação das mulheres. Em sua escrita, a autora fala que os recursos econômicos são artefatos permutados na relação paternalista. Contudo, conforme temos visto, essa se constitui enquanto realidade cada vez mais distante, tendo em vista que as mulheres ocupam cada vez mais o mercado de trabalho e que ser provedora de recursos econômicos sempre moldou a vivência de parcela expressiva das mulheres não pertencentes aos grupos privilegiados.

Chamo atenção, entretanto, para a crença da proteção masculina que encobre a fragilidade do homem expressa na necessidade de cuidado permanente. Quero dizer, com isso, que dentro do jogo social operado, a mulher é apresentada como sujeita a ser protegida, sendo isso algo por ela introjetado, e o homem como o responsável pela salvaguarda. Sem embargo, como essa não é a cena imperante, as relações amorosas se delineiam pela incessante busca de representação real dos papéis socialmente atribuídos. Sendo assim, as mulheres se tornam responsáveis em "cuidar" para que os homens finalmente consigam protegê-las, insistindo em relações abusivas por acreditarem que falharam (e no poder de correção) no dever do cuidado. A regra dominante é "homem como ser completo e poderoso, a mulher como

inacabada, mutilada e sem autonomia” (Lerner, 2019, p. 270). E todos, inconscientemente, envolvem-se em tentar segui-la.

Segundo Saffioti (2004), há na vivência do poder duas faces possíveis, a da potência e a da impotência. Ao longo do processo de socialização, as mulheres são familiarizadas com a impotência, enquanto os homens, contrariamente, são socializados para a potência. Nas palavras de Michèle Riot-Sarcey, “do poder como potência, as mulheres são excluídas pelo princípio de sujeição que as liga aos seus maridos” (Riot-Sarcey, 2009, p. 184). A questão é que os homens não são preparados para as situações de impotência. Em vista disso, “acredita-se ser no momento da vivência da impotência que os homens praticam atos violentos, estabelecendo relações deste tipo” (Saffioti, 2004, p. 84). Sendo, igualmente em decorrência desses papéis, que a ruptura da relação por parte da mulher representa uma afronta ao ideário masculino de poder e virilidade. No que tange às mulheres, aprendem que a sua verdadeira força reside no cuidar do outro, marido, filhos, pai e mãe. Nesse sentido, “julgam-se capazes de mudar o companheiro, quando, a rigor, ninguém muda outrem” (Saffioti, 2004, p. 66). As normas desenvolvidas pelo ideário cristão-patriarcal trabalham com a noção contínua de culpa. A culpa recai de modo mais sistemático sobre as mulheres, o que facilita o processo de controle de seus corpos e de fidelização ao esposo.

Busquei, ao longo desta sucinta sistematização teórica, refletir diferentes perspectivas que se debruçam sobre o tema do amor, procurando compreender como tais ideias estão diretamente relacionadas com os dispositivos acerca da sexualidade e da conjugalidade que resultam na idealização amorosa como sentido de vida (emocional, material, sexual, jurídico e transcendente). Com efeito, os modelos amorosos, vigentes em diferentes épocas foram/são erguidos sob o predomínio da dominação masculina que contém, como mecanismo elementar de funcionamento, a violência simbólica, representada pelos homens por meio da

incumbência da virilidade e pelas mulheres por meio da reprodução dos papéis de cuidado. Esse quadro resulta na elaboração e na manutenção de relacionamentos amorosos abusivos. Com base nessas reflexões, ilustraremos o amor abusivo por intermédio da análise da obra Ponciá Vicêncio (Evaristo, 2017).

## 2. O amor romântico na obra Ponciá Vicêncio (Evaristo, 2017)

A história contada em Ponciá Vicêncio (Evaristo, 2017) não é apresentada de modo linear e é exclusivamente feita em terceira pessoa, pela voz narrativa. A obra acompanha a trajetória da protagonista, cujo título do livro traz seu nome, desde o nascimento até a vida adulta. Esclarecemos que, mesmo com a importante presença de outros personagens vinculados ao seu percurso, devido ao espaço e à delimitação do presente artigo, nos concentraremos especificamente na história de Ponciá Vicêncio<sup>3</sup>.

Ponciá Vicêncio é uma mulher negra que carrega consigo uma herança deixada pelo avô paterno, o que poderá ser mais bem compreendido ao longo da apresentação. Os antepassados de Ponciá foram escravizados, seus avós vivenciaram diretamente a escravidão oficial do Estado brasileiro. No entanto, mesmo após a abolição sua família continuou servindo aos antigos escravizadores, em condições análogas ao antigo regime.

O pai de Ponciá sempre estava a trabalhar nas terras dos brancos. Luandi, único irmão da protagonista, desde muito cedo o acompanhou na lida. Nos tempos de chuva, os dois voltavam ainda menos para casa. Sendo assim, ela cresceu praticamente sozinha com a mãe. Seu pai teve uma vida muito sofrida. Apesar de

<sup>3</sup> Para ver uma análise mais aprofundada sobre o tema do amor em Ponciá Vicêncio (Evaristo, 2017), ver Matos (2021).

ter nascido livre, foi durante a infância pajem do menino branco da casa grande. Depois de adulto continuou a trabalhar na terra dos brancos, em uma intensa labuta. Foi justamente no labor da lavoura, quando Ponciá era ainda menina, que faleceu.

Sua mãe, Maria Vicêncio, trabalhava o barro, fazia panelas, potes e bichinhos. A filha, desde pequena, buscava a argila nas margens do rio e sabia trabalhar o barro até melhor que a mãe. Na sua casa, de pau a pique e de chão de barro batido, praticamente tudo era feito de barro.

Em sua infância, Ponciá Vicêncio acreditava que se passasse por baixo do arco-íris viraria homem. É importante que saibamos que, naquela época, ela sorria e estimava ser mulher. Nas suas idas ao rio para pegar argila, ficava muito tempo ensaiando como passar pela cobra celeste sem ser percebida. Quando finalmente tomava coragem, tampava o sexo com a saia e com um pulo chegava ao outro lado, certificando, em seguida, se conseguira enganar o arco-íris. Foi em um desses episódios, em torno dos seus 11 anos, que experimentou pela primeira vez o prazer sexual. Após o salto, amedrontada, deitou-se para ver se o corpo continuava igual. “Quando tocou lá entre as pernas, sentiu um ligeiro arrepio. Tocou de novo; embora sentisse medo estava bom. Tocou mais e mais lá dentro e o prazer chegou apesar do espanto e do receio” (Evaristo, 2017, p. 22). Muitos anos depois, ela reviveria, pela memória, esse dia.

A ligação e a semelhança de Ponciá com o avô paterno é algo muito forte dentro da narrativa, sendo isso destacado ao longo de todo o livro. Quando Vô Vicêncio morreu ela ainda era bebê de colo. Nada obstante, um dia, enigmaticamente, fez um boneco de barro de um homem miudinho e curvado, idêntico ao avô. Outro acontecimento que chamou atenção de todos foi que a menina ainda não caminhava, mas de repente desceu do colo da mãe e começou a andar com o braço para trás, da mesma maneira que o avô. Ela ouviu, algumas vezes, que trazia a herança do vô,

mas isso era mencionado de maneira tão baixa que ela não tinha coragem de perguntar do que se tratava.

O avô de Ponciá foi escravizado. Ele não tinha uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado. Enquanto o cultivo do canavial dava prosperidade aos escravizadores, "Sangue e garapa podiam ser um líquido só. Vô Vicêncio com a mulher, os filhos viviam anos e anos nessa lida. Três ou quatro dos seus, nascidos do "Ventre Livre", entretanto, como muitos outros, tinham sido vendidos" (Evaristo, 2017, p. 44).

Em certa noite, ele foi tomado pelo desespero. "Vô Vicêncio queria morte. Se não podia viver, era melhor morrer de vez" (Evaristo, 2017, p. 62). Com uma foice, matou a esposa e tentou tirar a vida do filho pequeno, que conseguiu fugir, e a sua própria; mutilou a mão e pretendia continuar se autoflagelando, porém foi impedido de prosseguir. Então, enlouqueceu e passou a chorar e rir.

Cabe, de passagem, pontuarmos algumas reflexões. Defende bell hooks (2010) que, inevitavelmente, a escravidão criou dificuldades concernentes à prática de amar naqueles que foram infligidos por esse sistema e/ou que herdaram suas consequências. Para ela, as dificuldades para amar em um contexto em que os filhos eram vendidos e os/as companheiros/as sofriam violências de toda ordem não representam nenhuma surpresa. Aliás, praticar o amor poderia causar sofrimentos insuportáveis: "Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver" (hooks, p. 3) Arrisco dizer que isso, de algum modo, ocorreu a Vô Vicêncio. Conquanto, devemos também atentar que esses fatores se unem à naturalização da violência contra as mulheres presente de diferentes formas nas diversas culturas existentes e acentuada no contexto da colonização (Cabnal, 2010; Segato, 2014).

Segundo Del Priore, "Há poucas referências de cronistas estrangeiros aos casamentos entre escravos. Sabe-se hoje que eles



eram correntes” (Del Priore, 2019, p. 181). O olhar eurocêntrico e racista impedia que os observadores vissem a existência de constituições familiares, formatadas pelas culturas originárias africanas e pelos arranjos possíveis dentro do sistema escravocrata (Slenes, 2011).

Slenes debate que para os escravizadores, o casamento dos escravizados se estabelecia como uma maneira de evitar fugas e controle das relações, já que muitas vezes incentivavam o estabelecimento da união formal, mas reservavam a si “o direito ‘paternalista’ de sugerir, persuadir, pressionar e, finalmente, aprovar ou vetar os nomes escolhidos” (Slenes, 2011, p. 102). Valendo dizer que havia excedentes do número de homens em detrimento da quantidade de mulheres, tanto pelas compras como pela mortalidade. Sem embargo, o autor destaca que se engana quem julga que as constituições conjugais serviam apenas como estratégias de controle por parte dos escravizadores. Pelo contrário, “Provavelmente alguma das vantagens do casamento para os escravos - e não as menos importantes - teriam sido as de ordem emocional e psicológica: o consolo de uma mão amiga, por exemplo, para enfrentar privações e punições” (Slenes, 2011, p. 157). Tal consolo só existe em decorrência da vida social e cultural prévia.

Além do amparo possibilitado pela relação afetiva/amorosa, o casamento permitia, na maioria das situações, um ganho maior de espaço, a continuidade de uma linhagem que não diz respeito apenas aos filhos da união, mas remete à ancestralidade presente já em suas regiões originárias. Conforme o caso discutido, os filhos de Vô Vicêncio e sua esposa foram vendidos, mesmo nascidos sob o suposto amparo da Lei do Ventre Livre. A constituição da família no regime escravista não contava com nenhuma segurança.

As uniões conjugais/afetivas desenvolvidas em todos os períodos históricos e em diferentes culturas representam formas de

relações sociais que envolvem algum tipo de aliança, mesmo nas sociedades dominadas pela ideologia do individualismo. A discussão travada por Lobato (1997) nos mostra que a forma como amamos está intrinsecamente ligada com as condições presentes nas sociedades em que vivemos. O contexto social que marca esse primeiro momento da narrativa literária analisada traz elementos de sociedades caracterizadas por uma organização holística, pensando nas referências culturais primárias trazidas de África, mas também apresenta a incorporação de recursos do amor domesticado, peculiar das sociedades marcadas pela égide do individualismo e representados pelo amor romântico, conforme poderemos ver mais adiante.

Aos 19 anos, Ponciá Vicêncio resolveu ir morar na cidade. Sua partida foi tão repentina que até esqueceu de levar o boneco de barro do Vô Vicêncio, assim como não teve tempo para se despedir do irmão. Viajou no dia seguinte à decisão. O trem tardaria a voltar ao povoado, então não poderia perder a oportunidade. O percurso durou três dias. Levou consigo apenas uma trouxinha. Na cidade, o trabalho doméstico foi sua principal ocupação profissional.

Ela sempre escrevia cartas para a sua família, mas além dos carteiros não passarem pelas terras dos negros, Maria Vicêncio e Luandi não sabiam ler. Desse modo, ela desconhecia se as mensagens chegavam até os destinatários. Ponciá foi a primeira da sua família a aprender a ler e a escrever. A moça igualmente ia muito à estação em busca de um rosto conhecido que pudesse trazer alguma notícia. Foi em uma dessas idas que soube que seu irmão também havia migrado para a cidade e que sua mãe, não querendo ficar só, saiu em andanças na busca não se sabe o quê. A filha sentiu remorso, não era isso que tinha planejado.

Após muitos anos de trabalho, conseguiu comprar um quartinho na periferia e voltou ao povoado para buscar os seus. Mas não encontrou a mãe e o irmão. A viagem de volta pareceu mais lon-

ga do que a primeira vez que partiu. Levou consigo o seu homem barro. A saudade começava a tomar conta de Ponciá.

Já na época do retorno ao povoado, ela estava enamorada de um homem que morava na cidade e viria a ser seu marido. O moço trabalhava na construção civil ao lado da casa de sua patroa. O sentimento era recíproco.

Ele também estava enamorado e observa que ela era uma moça muito ativa. Estava sempre a lidar. Era bonita. Tinha um jeito estranho que ele não sabia bem o que era. Gostava de cantar. Tinha uma voz de ninar criança e deixar homem feliz. [...] Ele gostava da tenacidade dela, do seu olhar adiante. Era uma mulher sozinha e muito mais forte do que ele. Era de uma pessoa assim que precisava [...] (Evaristo, 2017, p. 56).

O homem sabia que às vezes parecia que o espírito dela fugia, porém não questionava, tinha medo. Essa afirmação mostra que, embora tenha sido atraído pelas habilidades de Ponciá, ele reconhecia que em alguns momentos ela se tornava alheia ao agora. Depois que voltou do povoado, a moça ficou ainda mais estranha.

O casamento dos pais de Ponciá foi muito distinto do seu. Seu pai ficava mais na terra dos brancos, sua mãe nunca reclamou da ausência do marido. Vivia a cantar e a trabalhar o barro. E quando ele estava de volta, era Maria Vicêncio que decidia o que seria feito naqueles dias e quando ele partisse. “O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tão bom ser mulher! Um dia também ela teria um homem que, mesmo brigando, haveria de fazer tudo que ela quisesse e teria filhos também” (Evaristo, 2017, p. 25). Tal passagem reflete as expectativas amorosas de Ponciá, evidenciando que, mesmo em um contexto em que o amor romântico não possuía total centralidade, o sucesso conjugal compunha as condições para a sua realização individual. Além disso, a relação de seus pais não seguiu o caminho do abuso. Entre outras coisas, podemos destacar

que Maria Vicêncio não possuía a incumbência dos cuidados exclusivos do marido. Lembrando que o cuidado é aqui entendido conforme a literatura que trata dos efeitos do patriarcado. Essas ponderações chamam atenção para o caráter social que norteia a prática de amar e para as possibilidades de desconstrução dos formatos condizentes com o abuso.

Os acontecimentos da vida de Ponciá caminharam no sentido contrário aos seus desejos de menina. Ela teve sete filhos, mas todos morreram logo após o nascimento, alguns chegaram a viver um dia. Pariu os cinco primeiros em casa com a parteira Maria da Luz, que junto a ela chorava a morte dos bebês. Os dois últimos nasceram no hospital, onde lhe disseram que os óbitos eram decorrência de problemas no sangue.

O homem de Ponciá Vicêncio se mostrava também acabrunhado com a perda dos meninos. A cada gravidez sem sucesso. Ele bebia por longo tempo e evitava contato com ela. Depois voltava dizendo que ia fazer outro filho e que aquele haveria de nascer, crescer e virar homem. Ponciá já andava meio desolada. Abria as pernas, abdicando do prazer e desesperançosa de ver se salvar o filho (Evaristo, 2017, p. 46).

Ponciá sofreu muito quando os seus primeiros filhos morreram. Todavia, na sequência, chegou a desejar que os demais não sobrevivessem. Questionando, isso sim, o porquê de colocar mais uma pessoa no mundo para sofrer. “Lembrava da sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos” (Evaristo, 2017, p. 70). Todos os seus trabalharam/trabalham tanto nas terras dos brancos. Os negros eram senhores do sofrimento e da revolta suicida. Alguns migravam para a cidade com esperanças de uma vida melhor, mas o cenário de exploração continuava.

Podemos refletir sobre o cenário urbano que compõe a segunda morada de Ponciá. Não conhecemos ao certo os anos e o local

de passagem da obra. Sabemos, contudo, que a narrativa traz acontecimentos desenrolados ainda no Brasil Império e que a protagonista nasce pouquíssimas décadas após a abolição da escravatura. Esse momento tem como uma de suas marcas o projeto de modernização da sociedade brasileira. Há, nesse sentido, a expansão do meio urbano e o desenvolvimento da industrialização. Chamo atenção que esse último não tem lugar na obra. Isso se explica pelo lugar que a população negra ocupou no processo de modernização do país. Assim, todos os personagens principais migraram da região rural para a cidade e continuaram trabalhando nos ofícios manuais, ou nas chamadas atividades reprodutivas.

Muito temos falado sobre a conquista representada pela entrada das mulheres no mercado de trabalho e como esse feito representa uma realidade parcial, haja vista que as mulheres pobres, negras e indígenas sempre estiveram incumbidas do trabalho extraluar. Devemos, porém, lembrar que a admissão ao trabalho conquistada por grupos específicos de mulheres trata de setores que envolvem também as atividades produtivas e de serviços, como atendimento ao público. Desse quadro, as mulheres (e homens) que sempre trabalharam permaneceram excluídas. O caso de Ponciá é bastante figurativo da discussão. Ela detém o conhecimento da leitura em um momento que a maior parte da população era iletrada, ainda assim não conseguiu trabalho em categoria distinta das atividades relacionadas aos ofícios da população escravizada.

Luandi, irmão de Ponciá, e Biliza, mulher pelo qual ele se apaixonou, são personagens também a serem destacados. Luandi chegou na cidade igualmente sem destino. Conseguiu um emprego como zelador na delegacia e foi Soldado Nestor, homem também negro e do interior, que o auxiliou nesse processo. Luandi sonhava em um dia se tornar policial e para isso Soldado Nestor começou a alfabetizá-lo. O irmão de Ponciá se apaixonou por Biliza, mulher que após muitos anos no trabalho doméstico teve suas

economias roubadas pelo filho da patroa e acabou na prostituição. Luandi não se importava com isso. Após ele virar soldado, os dois se casariam, ela até já havia começado a fazer o enxoval. Porém, Biliza foi assassinada por Nego Climério, homem que trabalhava na "proteção" das prostitutas do casarão. Esse episódio deixou a vida de Luandi profundamente entristecida. Na sequência de sua vida, ele conseguirá ser soldado, mas isso perderá o sentido quando finalmente compreender que aquele poder de mando não valerá de nada, haja vista que continuará a obedecer aos brancos e a oprimir os seus.

Outro aspecto é que apesar de grande parte da trama se passar no meio urbano e não mais em comunidades locais mais ou menos restritas, os envolvidos na narrativa acabam enamorados por pessoas dos grupos sociais de origem. Ou seja, negros, pobres e praticantes do êxodo rural. Esse retrato reflete fronteiras de classe, raça e regionalidade rígidas, dialogando com o que Costa (1998) fala acerca do mito moderno da livre escolha amorosa. Não negamos que exista alguma margem para eleição do par, nada obstante devemos pontuar a existência de limitações previamente estabelecidas pelas condições de classe e pelos distintos marcadores sociais que são in/corporados pelos sujeitos.

Nas primeiras vezes que Ponciá sentiu o vazio na cabeça, voltou atordoada. Porém, depois, no agora do presente, gostava de se desconhecer e se tornar alheia ao seu próprio eu. O fato de Ponciá viver a recordar e a se ausentar de si causava incômodo em seu marido, que reagia por meio da agressão verbal e física. Em determinado dia, por exemplo, ela foi interrompida de suas lembranças pelo soco do homem. Ponciá se pôs a observá-lo sentado na cama imunda, sentindo ainda mais desgosto por sua vida. O que estava fazendo com aquele homem? Nem prazer os dois sentiam mais. Quando ele chegava e a via parada perto da janela, na mesma posição de antes dele sair para trabalhar, ficava nervoso e reclamava da lerdeza de Ponciá. Ela, mesmo com raiva e sentindo arder o corpo pelas pancadas recebidas, ia preparar a janta do marido.

Seu homem falava que ela era pancada das ideias. Talvez estivesse certo, refletia ela.

Às vezes, ela percebia nele um vislumbre de tristeza. Tinha vontade então de abrir o peito, de soltar a fala, mas o homem era tão bruto, tão calado. Nem quando ela o conheceu, nem quando ela e ele sorriam e se amavam ainda, Ponciá conseguiu abrir para ele algo além de seu corpo-pernas. Às vezes tentava, mas ele sempre calado, silencioso, morno. Muitas vezes nem o prazer era repartido (Evaristo, 2017, p. 39).

Na insatisfação do sexo, ela relembrava com os pensamentos e com as mãos o prazer que sentiu embaixo do arco-íris.

A protagonista era acostumada ao silêncio dos homens. Seu pai e irmão falavam pouco. Quanto ao marido, “Ele também só falava o necessário. Só que o necessário dele era bem pouco, bem menos do que a precisão dela” (Evaristo, 2017, p. 57). Muitas vezes desejou ouvir como tinha sido o dia do homem e falar sobre os enjoos e desejos da gravidez, relatar seus medos e ouvir os dele. No entanto, ele era praticamente mudo, não costumava demonstrar sentimentos, não sorria ou chorava. “Enquanto que nela havia a ânsia do prazer, como havia! Porém o que mais havia, era o desesperado desejo de encontro. E então, um misto de raiva e desaponto tomava conta dela, ao perceber que ela e ele nunca iam além do corpo, que não se tocavam para além da pele” (Evaristo, 2017, p. 58).

As citações acima elencadas evidenciam que Ponciá amou o marido. Ela nem sempre esteve alheia, possuía sentimentos, sonhos, desejos, ânsia de prazer, tristeza e raiva. Isso é algo muito importante: ela sentia. Sentiu amor e buscou viver o amar. Na medida que a realidade destroçava seus sonhos, ela ia se impregnando da saudade dos seus, mas também de si mesma, da Ponciá do passado, daquela que era movida por sentimentos e esperanças. No processo do seu adoecimento, ela passou a ser

dominada pela tristeza, sentindo alegria somente na rememoração de acontecimentos muito distantes. À medida que piorava, distanciava-se de toda e qualquer forma de sensação do presente.

Prestemos atenção na seguinte passagem: depois de mais uma noite em claro, enquanto fazia o café ralo de todas as manhãs, Ponciá recordou como a mãe arrumava com cuidado as coisas do pai e do irmão. Assim, lembrou como já havia sonhado em ter seu homem e seus filhos. Entretanto, "Lá estava ela agora com seu homem, sem filhos e sem ter encontrado um modo de ser feliz. Talvez o erro nem fosse dele, fosse dela, somente dela. Ele era assim mesmo" (Evaristo, 2017, p. 47). Nos escapes dos constantes estados de alheamento, Ponciá era sufocada pela tristeza do presente, ela sofre e talvez ficar longe de si fosse o melhor. Fica ainda manifesto que, em alguma medida, ela tenta justificar o comportamento violento do homem sob a alegação da imutabilidade do comportamento dele e de que os erros eram somente dela.

Nos últimos tempos, o marido andava muito irritado com Ponciá, qualquer coisa era motivo para lhe encher de socos e pontapés, dando a repetir que ela estava ficando louca.

Mas de manhã, quando acordava e guardava a marmitta, enquanto bebia o gole ralo de café (mesmo se a latinha estivesse quase cheia de pó, a bebida era sempre rala), ele era calmo, quase doce. Ele sentia saudades da outra Ponciá Vicêncio, aquela que ele conhecera um dia. E se perguntava, sem entender, o que estava acontecendo com a sua mulher. Ela que, antes, era feita uma formiga laboriosa resolvendo tudo. Ela que muitas vezes saía junto com ele na labuta diária do fogão, da limpeza, das trouxas de roupa nas casas das patroas. O que estava acontecendo com Ponciá Vicêncio? (Evaristo, 2017, p. 47).

Ela o observava ir para a labuta e pensava que poderia tornar o lugar que viviam mais agradável. Às vezes refletia para quem a vida era mais difícil, homens ou mulheres? Concluía "que, pelo



menos para os homens que ela conhecera, a vida era tão difícil quanto para a mulher” (Evaristo, 2017, p. 48). Tomaria coragem e seguiria outros rumos. Contudo, quando percebia, estava há tempos parada no seu cantinho, olhando pela janela e recordando.

É interessante percebermos que Ponciá sente-se identificada com os sofrimentos dos homens de seu meio social. Isso porque estão todos abrigados em uma conjuntura social perversamente racista e desigual. Todavia, talvez Ponciá pensasse na realidade de seu pai e irmão que demonstram comportamentos distintos dos demais homens da narrativa e, por isso, não enxergasse que nada justificaria, em hipótese alguma, os diversos atos de violência do seu marido. Ele que era introspectivo, não tinha dificuldades em demonstrar o furor contra ela. Ademais, presenciamos, ao longo da obra, dois casos de feminicídio, um cometido por Negro Climério e outro impetrado por Vô Vicêncio.

O ápice da violência, no relacionamento de Ponciá, ocorreu em um dia que seu marido chegou, como de costume, cansado do trabalho pesado. Ele estava estressado e desejoso de um gole de pinga<sup>4</sup>, porém não tinha uma moeda sequer. Quando mirou a mulher ali parada, “Precisou fazê-la doer também e começou a agredi-la. Batia-lhe, chutava-lhe, puxava-lhe os cabelos. Ela não tinha um gesto de defesa” (Evaristo, 2017, p. 83). Ao ver o sangue em seu rosto, pensou em matá-la, mas logo voltou a si. Arrepentido, carinhosamente limpou o rosto de Ponciá. O homem foi tomado por remorso, pois definitivamente entendeu que ela estava doente ou com algum encosto, e nunca mais a agrediu. A esposa, por seu turno, emudeceu. “Falava somente por gesto e pelo olhar. E cada vez mais se ausentava” (Evaristo, 2017, p. 83). O marido passou a fazer o café e arrumar a própria marmitta. Ponciá comia apenas um pouquinho da comida que ele deixava e bebia bastante água, passando os dias na janela a recordar.

<sup>4</sup> “Bebia, mas não muito. Tinha a natureza fraca, não era preciso muito para que ficasse tonto” (Evaristo, 2017, p. 47).

Certo dia, o homem a cutucou para oferecer café, ela, distante como estava, ainda teve um leve tremor de medo e se curvou para receber as pancadas. Esse gesto o causou profundo arrependimento por tantas vezes tê-la agredido. No dia do último ato de violência, viu tanto pavor e sofrimento no olhar da mulher que percebeu não só o desamparo dela, mas igualmente o seu. "Descobriu que, apesar de já terem se encontrado tantas vezes no gostoso prazer do corpo, apesar de ela já ter guardado tantas vezes o caldo quente dele e este caldo ter se transformado sete vezes em vida, apesar de tudo, ela e ele eram desesperadamente sozinhos" (Evaristo, 2017, p. 93). Ele aceitou que não poderia alcançar e entender a vida de Ponciá. "E, quando, ainda, tinha ânsias de prazer sob o sexo erguido, afastava-se dela, pois há muito a mulher havia se abdicado de tudo" (Evaristo, 2017, p. 93). Ela estava agora em um mundo somente dela.

Na história apresentada, desde o início está claro que Ponciá Vicêncio tornava-se alheia ao presente. Ela vivia a recordar dos momentos ruins e bons, da sua vida e da do seu povo, por isso, chorava e sorria. Contudo, a relação amorosa vivida com seu homem contribuiu para o aprofundamento da sua tristeza. Grande parte da vida de Ponciá Vicêncio foi passada ao lado do marido. Ainda assim, ela estava só. Até mesmo seu prazer era muitas vezes alcançado por suas próprias mãos. Pelo que a voz narrativa nos conta, ele também vivenciava a solidão. Podemos perceber uma queixa em comum, o desencontro do espírito. Ambos refletem que nunca se conheceram para além do corpo. Houve, sim, a satisfação dos encontros sexuais, mas essa é uma realidade parcial para ela. O episódio da masturbação embaixo do arco-íris em diversas passagens é lembrado pela protagonista. Seja porque a estimula na busca do gozo, seja porque a faz recordar de um tempo em que o seu corpo não representava tanta dor.

Consoante ao que já discutimos, a característica inicial mais apreciada pelo marido, em Ponciá, foi justamente sua capacidade

de ação, seus sonhos e metas. Acontece que o estado de ausência da mulher não foi uma descoberta da vida conjugal. Totalmente novo, isso sim, foi a falta das atividades, desempenhadas por ela, tanto para o cuidado do marido quanto as efetuadas no âmbito do trabalho pago e que igualmente garantiam a manutenção material da casa. Lembremos que as mulheres pobres e negras sempre estiveram incumbidas do trabalho extraluar. De acordo com Beatriz Nascimento, “Quanto ao homem negro, geralmente despreparado profissionalmente por força de contingências históricas e raciais tem na mulher negra economicamente ativa um meio de sobrevivência, já que à mulher se impõe, como sabemos, dupla jornada” (Nascimento, 2006, p. 128). Aqui jaz uma das indignações do marido de Ponciá. Ela não conseguia cumprir suas funções de cuidado, a casa era bagunçada, ela esquecia de fazer a comida do homem, seus filhos morreram, além dela não ir para a lida junto com ele. Tudo isso gerava um misto de raiva no homem, que trazia consigo a revolta da pobreza, do racismo e da exploração do trabalho por ele vivenciada. Nesse sentido, Ponciá Vicêncio era o receptáculo no qual ele depositava sua frustração, com o mundo explicitamente público e com o privado, representado pela esposa desleixada e doente que não conseguia ter filhos.

A obrigação da mulher cuidar dos membros da família é uma característica elementar do sistema de controle presente no patriarcado. Compreendo, assim, que as ideias sobre o amar (a vivência do amor), constituídas sob a égide da dominação masculina, são carregadas desse imperativo. A falha no desempenho dos papéis, representado pela mulher que cuida e pelo homem que é cuidado, justifica a manutenção de relacionamentos abusivos. Ponciá continuou na relação por não ter as condições materiais para partir, mas também porque culpava a si mesma por não cumprir o que seriam os seus deveres. O homem continua porque esperava reaver a condição de cuidado da mulher. Até que a herança de Vô Vicêncio se cumpriu e ela reencontrou os seus.

A herança deixada por Vô Vicêncio revelava/revela “uma história tão sofrida, porque enquanto os sofrimentos estivessem vivos na memória de todos, quem sabe não procurariam, nem que fosse pela força do desejo, a criação de um outro destino” (Evaristo, 2017, p. 109). E, assim, “Lá fora, no céu cor de íris, um enorme angorô multicolorido se diluía lentamente, enquanto Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio” (Evaristo, 2017, p. 111).

## Considerações finais

O amor é um tema recorrente em nossas relações sociais, sendo evocado nos variados campos da expressão humana. De maneira mais ampla, os ideários amorosos se relacionam com os modelos dominantes de organização social.

A apresentação da narrativa sobre Ponciá Vicêncio nos faz retornar às reflexões de Jardim (2020) acerca dos postulados de Bourdieu. O corpo carrega uma memória que é individual, mas também é coletiva. Ponciá Vicêncio traz consigo a herança de seus ancestrais, esse legado representa sabedoria, mas também expressa muita dor e sofrimento.

Distintamente do que é colocado por Bauman (2004) não verificamos a existência de um amor efêmero, líquido, sem compromissos e voltado para a substituição. Tampouco nos deparamos com indícios do amor confluyente proposto por Giddens (1993). Indubitavelmente os autores estão discutindo um momento social que não é exatamente aquele apresentado na obra. Entretanto, mais do que isso, a realidade de diferentes grupos sociais é tratada de modo desconexo da sua concretude social.

Ponciá Vicêncio carregava a dor da mãe que sete vezes pariu e viu seus sete filhos morrerem. No final, ela gostaria que os be-

bês não sobrevivessem. Ainda assim, ficava novamente grávida seguindo uma imposição, mais ou menos velada, de seu homem. Ele, que também ficava triste e se afastava durante o luto, retornava resoluto de que conseguiriam gerar. Enquanto a Ponciá, até mesmo nesse momento de tamanha dor, estava solitária. Conforme é expresso na obra, eles não se conectavam para além do corpo. Ponciá estava longe da sua terra, dos seus familiares e aos poucos foi se tornando alheia a si mesma. Nesse cenário, não havia condições materiais para que buscasse ajuda, nem mesmo uma rede de apoio a que pudesse recorrer.

O relacionamento de Ponciá Vicêncio é marcado pela violência. Isso significa que a sua vivência do amar traz o abuso como elemento constituinte e constituidor do relacionamento. Seu marido necessita do seu cuidado, revolta-se por isso não acontecer, realiza ações condizentes com o comportamento viril (Bourdieu, 2011b) e na sequência, de alguma forma pede, a si e à mulher, compreensão pelo abuso instaurado. Seguidamente, no jogo inconsciente para efetivação dos papéis, Ponciá entende que falhou e que deve continuar, pois pode fazer diferente para ele ser diferente.

Pontuamos a necessidade de aprofundarmos as discussões a respeito da temática do amor e da relação do amar com a manutenção da violência contra as mulheres. Considerando, sempre, a amplitude do contexto e a especificidade dos atores que compõem as relações analisadas.

## Referências

Bauman, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

Barroso, Eloísa Pereira; Veloso, Sainy Coelho Borges. Brasília e Clarice: Uma Narrativa para a Cidade. **Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia**. UnB: Brasília, 2017.

Birman, Joel. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

Bourdieu, Pierre. **Escritos da educação**. Nogueira, M.A. Catani, (Orgs). Petrópolis RJ: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kunher. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011b.

Bourdieu, P.; Passeron, J. **A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S/A, 1975.

Cabnal, Lorena. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala. **Feminismos diversos: el feminismo comunitario**. España: Instituto de la Mujer / ACSUR, Las Segovias, 2010, p.11-25.

Candido, Antônio. **Literatura e sociedade**. 13º ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2019.

Costa, Jurandir Freire. **Sem fraude, nem favor**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DataFolha/FBSP. **Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil - 3ª edição - 2021**.

Del Priore, Mary. **História do amor no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.

Evaristo, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

Freud, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução de Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

Giddens, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

Gregori, Maria Filomena. **Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

hooks, bell. **Vivendo de amor**. Disponível em: <http://www.olibat.com.br/documentos/Vivendo%20de%20Amor%20Bell%20Hooks.pdf>. Acesso em mai. 2022.

Jardim, Maria Chaves. Socioanálise: introdução ao conceito. In: **Socioanálise das emoções: instituições socioculturais na produção das emoções**. Organizadores: Maria Chaves Jardim, Gabriela Porcionato e James Washington Alves dos Santos. São Paulo, SP: Cultura Acadêmica, 2020.

\_\_\_\_\_. Para além da fórmula do amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. **Política & Sociedade** - Florianópolis - Vol. 18 - Nº 43 - Set./Dez. de 2019.

Jung, Carl Gustav. **Sobre o amor**. Tradução de Inês Antônia Lohbauer. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2005.

Lerner, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**. Tradução de Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.

Lobato, Josefina Pimenta. **Amor, Desejo e Escolha**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.

Matos, Renata Araújo. **O amor e o amar: uma análise comparada dos relacionamentos abusivos em “El albergue de las mujeres tristes”, de Marcela Serrano, e “Ponciá Vicêncio”, de Conceição Evaristo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

Novaes, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: **História do corpo no Brasil**. Mary Del Priore, Marcia Amantino (Orgs.). São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Red Chilena contra la Violencia hacia las Mujeres. **Dossier Informativo: 2020-2021 - Violencia contra mujeres en Chile. Chile, 2021**. Disponível em: <https://cl.boell.org/sites/default/files/2021-08/Dossier-Informativo-Violencia-contra-Mujeres-2020-2021-Red-Chilena.pdf>. Acesso em mai. 2022.

Riot-Sarcey, Michèle. Poder(es). In: **Dicionário crítico de feminismo**. Helena Hirata et al. (Orgs.). São Paulo: Editora Unesp, 2009.

Rossi, Cunha Túlio. **Uma sociologia do amor romântico no cinema: Hollywood, anos 1990 e 2000**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2014.

Rougemont, Denis de. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.

Saffioti, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Segato, Rita Laura. Colonialidad y patriarcado moderno: expansión del frente estatal, modernización, y la vida de las mujeres. In: **Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala** / Editoras: Miñoso, Yuderkys Espinosa, Correal, Diana Gómez, Muñoz, Karina Ochoa – Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014, p. 75-90.

Serrano, Marcela. **El albergue de las mujeres tristes**. Madrid: Suma de Letras, 2001.

Slenes, Robert W. **Na Senzala, uma flor - Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX**. 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

Sousa, Andressa Fonseca. **As representações do feminicídio na mídia impressa de Brasília: uma análise do jornal Aqui DF**. Monografia. Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

Viana, Nildo. Individualismo e holismo na metodologia das ciências sociais. **Fragmentos de Cultura** – IFITEG/UCG. Vol. 9, no 06, nov./dez. 1999, p. 1259-1282.

Viveiros de Castro, Eduardo; Benzaquem de Araújo, Ricardo. Romeu e Julieta e a origem do Estado In: Velho, Gilberto. **Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977, p. 130-169.

Waiselfisz, Julio Jacobo. **Mapa da violência: homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília: FLACSO BRASIL, 2015.

Recebido em 14/01/2022

Aceito em 10/05/2022